

notas

CARNE VERMELHA E CÂNCER DE MAMA

Mulheres que comem carne vermelha com frequência podem ter maior chance de desenvolver câncer de mama. Este foi o principal resultado de estudo da Universidade de Harvard, que analisou dados de mais de 88 mil mulheres entre 26 e 45 anos desde 1991.

O estudo foi realizado principalmente entre mulheres de classe média alta dos Estados Unidos. O consumo da proteína entre os participantes variava de uma vez por mês a até seis porções ao dia. Os resultados iniciais do estudo foram publicados em 2006 e já mostravam uma ligação entre comer carne vermelha e câncer de mama. A nova pesquisa confirma os resultados anteriores com informações de acompanhamento mais consolidadas.

Através de um modelo estatístico, os pesquisadores perceberam que nas mulheres que comeram a maior quantidade de carne vermelha houve acréscimo de 6,8 casos de câncer de mama. Os pesquisadores não descartam, no entanto, a possibilidade de que outros fatores possam explicar a aparente ligação entre carne vermelha e câncer de mama. Nos países desenvolvidos, as mulheres têm 12,5% de chances de desenvolver a doença.

Já é ponto pacífico na Medicina que carnes vermelhas contêm células cancerígenas, podendo atacar principalmente o intestino e o pâncreas. Este é o primeiro estudo que traça uma ligação direta com o câncer de mama.

Cientistas suspeitam que proteínas da carne vermelha podem acelerar a divisão celular e o crescimento do tumor. Além disso, produtos químicos como nitratos em carnes processadas já são classificados como cancerígenos.



HORMONIOTERAPIA NO SUS

Relatório da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec) recomenda a incorporação da hormonioterapia prévia (pré-operatório, neoadjuvante) do câncer de mama no Sistema Único de Saúde (SUS). Agora, a Secretaria de Ciência e Tecnologia e Insumos Estratégicos envia o parecer à Secretaria de Atenção à Saúde, que regulamentará o procedimento por meio de portaria própria nos próximos meses.

CURSO DE POLÍTICAS DE CONTROLE DO TABAGISMO

Estão abertas, até 7 de julho, as inscrições para o curso de atualização em Políticas de Controle do Tabagismo. O curso pretende formar profissionais de saúde do SUS, principalmente aqueles que trabalham para a efetivação de políticas para o controle do tabaco nas secretarias estaduais e municipais de saúde. Os candidatos interessados deverão preencher o formulário eletrônico disponível na Plataforma Siga (<http://www.sigals.fiocruz.br/inscricao/cadastro.do?acao=telaInicial&codCL=11943&codECL=10139&codI=471>).

As aulas são presenciais na Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio, e buscam envolver os alunos por meio de palestras interativas com nomes de expressão no tema. São oferecidas 40 vagas para profissionais de nível superior que atuem na área de Controle do Tabaco no SUS ou em outra instituição pública. Também serão aceitos candidatos de nível superior que tenham interesse nas áreas de Controle do Tabaco, Saúde Pública, Economia e Saúde, Vigilância Sanitária, Direito, Administração Pública, Comunicação em Saúde, Diplomacia em Saúde e Jornalismo. As aulas começam em 4 de agosto.

PET-CT NO SUS

O Sistema Único de Saúde (SUS) incorporou o exame PET-CT (tomografia por emissão de pósitrons) para pacientes com câncer de pulmão, câncer colorretal e linfomas de Hodgkin e não Hodgkin. A resolução foi publicada no Diário Oficial da União em abril e o procedimento deve estar disponível a partir de setembro. O exame permite avaliar o grau de avanço do tumor e a extensão da doença. Para garantir o acesso da população a esse serviço, o Ministério da Saúde irá investir mais R\$ 31 milhões por ano, beneficiando diretamente 20 mil pessoas. A adição do PET-CT poderá diminuir exames e cirurgias desnecessárias, além de reduzir a morbidade, a mortalidade e os custos associados ao tratamento dessas doenças. Nos casos de câncer de pulmão e colorretal com metástase hepática, o PET-CT será usado para avaliar se é viável fazer cirurgia, pois em estágio muito avançado, a operação não é recomendada. No caso de linfomas, o exame será feito antes e depois da quimioterapia para avaliar a resposta ao tratamento.



RISCOS DA VAIDADE

Estudo feito por cientistas suecos de diferentes universidades mostrou que o uso regular de tinta para cabelos e técnicas de alisamento pode causar câncer no longo prazo. E a principal vítima seria quem está mais exposto aos produtos: os cabeleireiros.

Para chegar a essa conclusão, os pesquisadores coletaram amostras de sangue de 295 profissionais de salão de beleza, 32 usuários regulares de tinta para cabelo e outras 60 pessoas que faziam frequentemente procedimentos para alisar ou ondular as madeixas. Eles descobriram que a quantidade de células cancerígenas era diretamente proporcional à frequência com que os participantes entravam em contato com os produtos químicos. Os estudiosos recomendam o uso diário de luvas para prevenir a doença entre os profissionais da área.

OBESIDADE SERÁ PRINCIPAL FATOR DE RISCO EVITÁVEL PARA O CÂNCER

O excesso de peso vai substituir o cigarro como principal fator de risco evitável de uma série de tumores. O assunto foi um dos destaques do congresso anual da Sociedade Americana de Oncologia Clínica (Asco), que aconteceu no início de junho em Chicago, EUA.

Estudo da Universidade de Oxford que analisou 80 mil mulheres com câncer de mama em estágio inicial constatou que a obesidade estava associada a risco 34% maior de morte para as mulheres na pré-menopausa, já que a doença é suscetível a níveis mais altos do hormônio estrogênio. O excesso de gordura aumenta os níveis desse hormônio no corpo, estimulando o crescimento do tumor.

O estudo reforça as evidências de que a obesidade não apenas eleva o risco de se desenvolver tipos comuns de câncer, como de mama, cólon e próstata, mas também influencia no resultado do tratamento, alterando o volume de quimioterapia distribuído nas células e reduzindo a eficácia da terapia hormonal.

A Asco publicou novas diretrizes para médicos e pacientes sobre como lidar com questões relacionadas ao excesso de peso após diagnóstico de câncer. Estimular a perda de peso, a prática de atividade física e oferecer ao paciente um programa alimentar adequado devem fazer parte da prática clínica diária.